

[#MeuAborto: até quem nunca abortou tem uma história de aborto pra contar, por Ana Rios; Fabiane Pereira; Luiza Vilela e Maria Rezende](#)

(Folha de S.Paulo, 23/06/2016) A [#meuaborto](#) nasceu da vontade de um grupo de mulheres – amigas e conhecidas – de discutir maneiras de intervir no processo de retrogradação dos direitos femininos que está em curso no país hoje, muito por conta do domínio exercido pela bancada religiosa no congresso. Nós nos reconhecemos nas ruas, nos manifestando contra Eduardo Cunha e o Projeto de Lei 5069, que tenta tirar das mulheres brasileiras os poucos direitos que temos sobre os nossos corpos quando o assunto é aborto.

Desses encontros potentes surgiu um grupo de conversa no Facebook para pensar ações concretas. Debates durante algumas semanas sobre como poderíamos dar voz e visibilidade às mulheres que são caladas pela legislação antiquada e moralista que prevalece no país. Decidimos, então, na esteira de campanhas bem sucedidas como [#meuprimeiroassédio](#) e [#agoraéquesãoelas](#), criar a hashtag [#meuaborto](#), com o intuito de chamar atenção para o debate sobre a descriminalização do aborto no Brasil e tirar da invisibilidade essas histórias, que são tantas, tão diversas e tão próximas.

Pensamos em várias hashtags possíveis, mas [#meuaborto](#) ganhou por contemplar a todos – não apenas as mulheres que quisessem contar suas próprias histórias, mas também outras que tivessem histórias ao lado de amigas e familiares, além de homens que tivessem dado apoio às suas companheiras durante o processo. Sabemos que a palavra “aborto” causa muito choque e poderia afastar as pessoas da campanha, mas acreditamos que é preciso desmistificar também a palavra, porque sem falar abertamente sobre o assunto fica ainda mais difícil mudar a realidade.

Tínhamos receio de que a página não fosse compreendida em sua completude e que os relatos das pessoas fossem expostos à toa, mas botamos ela no ar seguras de que faríamos o que estivesse ao nosso alcance para divulgá-la, e esperançosas de que aos poucos as histórias fossem surgindo. Não demorou. Recebemos uma enxurrada de emails e mensagens. E uma enxurrada ainda maior de comentários horríveis a cada relato postado.

Algumas coisas nos impressionaram muito nesse feedback. Primeiro o contraste entre as centenas de comentários no estilo “fez porque quis” e “fez agora cuida” com os relatos que falam do abandono do parceiro. São várias histórias de mulheres que foram abandonadas por seus companheiros assim que contaram da gravidez, ou que foram obrigadas pelos mesmos a abortar, ou ainda (e pior) que foram chamadas por eles de assassinas por considerarem abortar e, após decidirem seguir com a gravidez, foram abandonadas mesmo assim.

Pensamos até em subir uma hashtag do tipo [#homemabortatododia](#), mas conversando com algumas parceiras percebemos que era uma injustiça com as mulheres que tinham abortado. Porque o abandono é bem pior, bem mais egoísta, e tem consequências muito piores. O aborto é de um embrião ainda sem sistema nervoso e sem qualquer emoção, já o abandono é de uma

criança, um ser humano com inteligência e sentimentos, e deixa marcas profundas para toda a vida. Fora que o aborto é uma decisão extremamente pensada por parte da mulher, porque difícil. Na esmagadora maioria das vezes ela leva em conta as vidas de todos os envolvidos, com cautela e zelo.

Chovem relatos de mulheres que pensam no ônus que essa criança vinda numa hora errada seria para os avós e para os companheiros, que muitas vezes ainda não terminaram os estudos, e assim por diante. Já o homem que abandona pensa apenas em si, em como a sua vida iria mudar.

Outra coisa que nos impressiona é a persistência do argumento religioso raso, que taxa as mulheres de assassinas, como se a “vida” de um feto importasse mais do que a de quem já está viva. Curioso que, quando postamos um dos relatos mais fortes na página, de uma mulher que diz que entenderia se a mãe a tivesse abortado, posto que teve uma infância sofrida e só, praticamente abandonada, não vimos nenhum comentário desse tipo. É impressionante como se fala tanto em “salvar a vida do feto”, mas não se debate o que vai ser feito dessa criança depois.

Por fim, mas não menos importante, nos emociona ler cada comentário de apoio, cada desabafo, cada agradecimento por estarmos mexendo nesses baús. É muito revoltante ler os relatos e saber que muitas dessas mulheres se culpam todos os dias pelo que fizeram, e parte dessa culpa vem do processo turbulento e nebuloso pelo qual elas tiveram que passar para conseguir abortar, quando temos convicção de que deveria ser uma escolha amparada por médicos e psicólogos – como é em países onde o aborto é permitido por lei nos primeiros meses da gestação. Uma escolha difícil, sim, com uma carga emocional grande, mas uma escolha, um direito da mulher e ponto.

Ninguém gosta de abortar, ninguém prefere o aborto à prevenção. E até por isso estamos colocando em nosso site uma aba inteira dedicada a falar abertamente sobre métodos contraceptivos.

Não somos a favor do aborto, como se é a favor das baleias ou do mico leão dourado. Somos a favor da sua legalização, para que o que já é um fato seja respaldado legalmente e não siga tirando a vida de milhares de brasileiras. Deveria ser simples, e por isso seguiremos aqui repetindo até que o barulho seja ensurdecedor:

Nossos corpos, nossas regras.

Nossos corpos, nossas regras.

Ana Rios; Fabiane Pereira; Luiza Vilela e Maria Rezende são do Coletivo [#MeuAborto](#)

[Acesse no site de origem: #MeuAborto: até quem nunca abortou tem uma história de aborto pra contar, por Ana Rios; Fabiane Pereira; Luiza Vilela e Maria Rezende \(Folha de S.Paulo, 23/06/2016\)](#)

Mulheres promovem campanha

#Meuaborto nas redes sociais

(O Globo, 27/04/2016) Eu fiz um aborto. Um não, uns.

Lembro do dia em que me descobri “grávida” pela primeira vez. A namorada, trêmula, confirmou a suspeita. Ela menor de idade, eu recém-chegado à idade adulta. Juntamos os cacos, juntamos dinheiro, o pouco que tinha. Contamos com amigos, rezamos bastante e chegamos à clínica assustados, sem saber o que viria. O procedimento foi relativamente rápido. Em menos de uma hora, recebi a informação de que ela já estava fora de perigo, mas ainda dormindo, sob efeito dos medicamentos. O susto passou, a gravidez passou. Só não passou a sensação de que fui beneficiado por ter acesso a recursos e apoio emocional para lidar com a situação.

Isso tem mais de 20 anos — e não me arrependo. Quando “engravidei” do Miguel, anos depois, tive certeza que queria ser pai. Mas tive o direito de escolher.

1 milhão de abortos por ano

De acordo com a Pesquisa Nacional do Aborto, feita pela Universidade Federal de Brasília (UnB) com o apoio da Agência Ibope Inteligência e do Ministério da Saúde, um milhão de abortos são feitos por ano no Brasil — e a cada dois dias morre uma mulher vítima de procedimento clandestino no país. Uma em cada sete brasileiras entre 18 e 39 anos já fez ao menos um aborto na vida. Se restringirmos a faixa etária e focarmos nas mulheres entre 35 e 39 anos, essa proporção sobe para uma em cinco.

Com base nesses números — e na repercussão da campanha #meuprimeiroassédio, que levou diversas pessoas a lembrarem casos de abuso e assédio sexual cometidos por familiares, amigos, chefes, profissionais da área médica e desconhecidos — um grupo de mulheres, profissionais de várias áreas, lançam esta semana a campanha #Meuaborto. A ideia é coletar, através de uma página no Facebook e de um e-mail próprio, depoimentos que ajudem outras mulheres a relatarem seus casos e jogar luz sobre o tema — que também é alvo de debates no Congresso Nacional, com a proposta do presidente da Câmara, Eduardo Cunha, que criminaliza a indução ao aborto e exige da vítima a apresentação de exame de corpo de delito e boletim de ocorrência para comprovar a violência sexual. A Assembleia Legislativa do Rio (Alerj) também discute um retrocesso na política sobre o aborto: no relatório final da CPI sobre o tema, foi aprovada a obrigatoriedade de os hospitais notificarem a polícia todos os casos de aborto que eles atenderem, até mesmo os permitidos por lei ou os espontâneos.

#Meuprimeiroassédio ajudou

“A campanha #meuprimeiroassédio sacudiu as relações das pessoas, não sabíamos que eram tantos e tantas à nossa volta com casos para contar, uma verdadeira epidemia. Queremos tirar do armário essa discussão tão importante sobre o aborto, dando a ela o peso que ela merece ao fazer o debate”, avalia a poetisa Maria Rezende, uma das protagonistas da ideia. “Queremos a possibilidade de aborto legal, seguro e gratuito para todos. Propostas como as de Cunha no Congresso Nacional e dos deputados da Alerj só pioram a situação”.

O movimento vai ganhar força nesta quarta-feira à tarde, em um protesto marcado nas escadarias da Alerj, com o sugestivo nome “Ato das mulheres belas, recatadas e do lar: Fora Cunha, Fora Bolsonaro e Fora Pedro Paulo”. Além dos coletivos feministas presentes na atividade e de testemunhos de mulheres que se submeteram a abortos clandestinos, o grupo espera que os homens também se mobilizem, dando seus testemunhos sobre o procedimento.

“Queremos saber como os homens se colocam nessa questão. Até porque a responsabilidade também é deles”, argumenta Maria. “Quem sofre mais com isso tudo é a mulher. E quem luta pelos direitos das mulheres são as mulheres, claro. Mas os homens podem e devem apoiar a luta de várias maneiras, inclusive compartilhando algum relato”, reforça a jornalista Fabiane Pereira, outra idealizadora da campanha.

Os depoimentos já começaram a chegar, e estão sendo organizados sob a *hashtag* #Meuaborto:

Mulheres de todas as idades colaboram com exemplos de vida para o debate:

Além de testemunhos pessoais, a campanha também conta com depoimentos de quem acompanhou mulheres e casais no procedimento abortivo:

No início do mês, a polícia do Rio invadiu e fechou uma clínica clandestina de aborto em Copacabana. Os médicos foram presos. A gestante que se submetia ao procedimento também foi considerada uma criminosa. A campanha tem o objetivo de democratizar histórias de vida e demonstrar que a possibilidade do aborto deve ser uma opção para todos — e não só para quem pode pagar bem por isso. Logo, histórias de quem escolheu não fazer o procedimento também podem — e devem — ser contadas.

Claudio Nogueira

Acesse o PDF: [Mulheres promovem campanha #Meuaborto nas redes sociais \(O Globo, 27/04/2016\)](#)